ENTRE-OS-RIOS
(Manuela de Freitas)

Entre a rosa desfolhada
E o espinho que fere a mão
Entre a poeira da estrada
E a escada sem corrimão

Entre a mancha da parede
E a falha no vitral
Entre o deserto de sede
E a montanha de sal

Entre o estore avariado
E o moscardo na vidraça
Entre o cigarro apagado
E o veneno na taça

Entre o disco repetido
E o silêncio pesado
A mesa de pé partido
E o verso de pé quebrado

Entre a arma que se aponta
E a mão que se não estende
Entre o mal com que se conta
E o bem que não se defende

Entre o grito e o segredo
Presença tão calculada
Entre a loucura e o medo
Ausência tão arriscada

Entre a margem e o fundo
Entre mim e tanta gente
Entre esta casa e o mundo
Entre tanto, tão diferente

Entrevejo e entreteço
Entredentes, entrelaço
Entrementes, entristeço
Mas não cedo no que faço

Lisboa, 16 de Fevereiro de 2003

Glaciar

Manuela de Freitas

No cabo extremo do mundo
Nas terras frias do sul
Ao fundo, lá muito ao fundo
O azul é mais azul

Rio eterno em que a corrente
É um lento crepitar
Que mergulha de repente
Sem nunca desaguar

Azul erguido em muralha
À esquina da cordillheira
Gelo que parte e se espalha
Em azuis de outra maneira

Estátuas, bichos, catedrais
Cristais ao sabor do vento
Vestígios quase reais
Do azul em movimento

Esse azul que cobre o mundo
Colorindo céu e mar
Luz azul que vem do fundo
Do azul do glaciar

O homem de branco

(ao Padre Mário de Oliveira)

(José Mário Branco)

O homem de branco espalha escuridão
Donde lhe nasce o jugo e a tenaz
E onde só havia amor e pão
Cultiva a dor, e o bem que não se faz

Viver a vida amando simplesmente
Não se conjuga no verbo poder
O homem de branco diz, intransigente,
Que a vida é só um modo de morrer

O homem de branco vende-nos a vida
E tem, da vida, a patente exclusiva
Factura a morte p'la mesma medida
E mede a vida por já não estar viva

E é nesse seu negócio da paixão
Que ele acumula o lucro do inferno
O homem de branco reza uma oração
E num só dia faz um mal eterno

O homem de branco reina sobre os seres
Com as palavras que lhes usurpou
No mais insidioso dos misteres
Que a canga dos impérios inventou

Do imenso poder que assim lhe coube
Da redenção que o sábio quis um dia
O homem de branco não quis ou não soube
Mais fabricar do que a hipocrisia

Quem espera
(Manuela de Freitas)

Teu corpo, barca perdida
À mercê dos temporais
Onde a morte tem mais vida
E a vida morte demais

Navegando à flor do mar
Mergulhaste, foste ao fundo
Espelhando o céu do olhar
Pelas veredas do mundo

Tua luz, neve sagrada
De tão branca, enegreceu
Que farás com tua espada ?
E, sem ti, que farei eu ?
        Não sabes, que farei eu ?

Nossas bodas, cenas breves
Da comédia que Deus fez
Guião do filme que escreves
Sobre a minha viuvez

Se já chegou à estação
O vai-vem da tua imagem
Deus me dê consolação
E a ti boa viagem

Recordações, golpe de asa
Do sonho do recomeço
Que teço à porta de casa
À espera do teu regresso